ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

Como desenhar pedras

Mariana Silva da Silva[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este texto trata do processo de execução do livro de artista intitulado *Como desenhar pedras*, que agrega imagens de pedras, desenhos e fotografias, para fins científicos, artísticos e históricos, recolhidas na internet utilizando como ferramenta o sistema de buscas *Google images*. O processo de elaboração deste trabalho está atrelado a investigações realizadas anteriormente, no contexto de ações artísticas e fotografias ao redor do rio Caí, em Montenegro, e do estuário Guaíba, em Porto Alegre, ambos no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Livro de artista; pedra; natureza.

Como desenhar pedras trata-se de um livro de artista independente produzido durante o segundo semestre de 2014. O livro mede quatorze por vinte e um centímetros e reúne unicamente imagens em suas vinte páginas. Estas imagens, desenhos e fotografias, foram recolhidas na internet utilizando como ferramenta o sistema de buscas *Google images*. Para tanto, a frase “Como desenhar pedras” foi utilizada em português e inglês com o objetivo de nortear a pesquisa imagética. A partir da coleta de um grande número de figuras, foram selecionadas aquelas de maior resolução para a confecção do livro.

[1] Professora Assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Doutoranda em Artes Visuais, Ênfase Poéticas Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Artes Visuais e Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Recebeu Bolsa CAPES para Mestrado entre 2002-2004 e Bolsa Unesco Aschberg e Irish Museum of Modern Art para projeto Residência de Artista em 2008. Participa de exposições de artes visuais no Brasil e no exterior desde 2001, entre elas *Pontos de Contato*, Goethe Institut Porto Alegre, *FIAT Mostra Brasil*, São Paulo, *Rencontres Internationales Paris Berlin*, Paris e Caracas, *Pequena Distância*, Belo Horizonte, Caxias do Sul, Porto Alegre e Montenegro. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte e cotidiano, múltiplo, fotografia, vídeo e desenho.

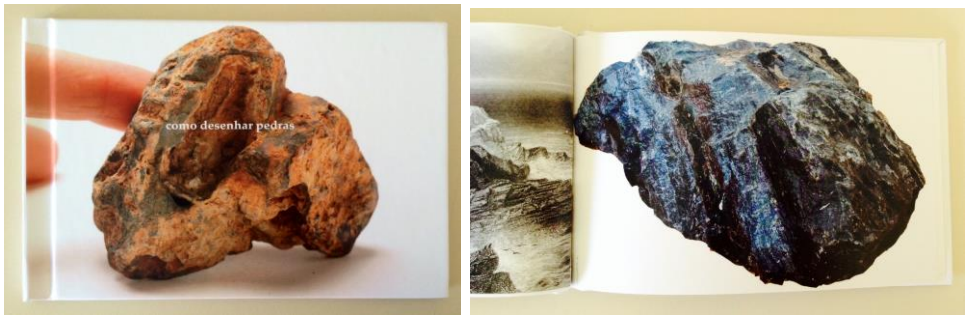

Figura 1: Como desenhar pedras / Mariana Silva da Silva
2014, livro de artista, fotografias de acervo pessoal.

O livro agrega um variável tipo de imagens de pedras, na realidade em sua maioria, parcelas de rochas fotografadas e desenhadas para fins científicos, artísticos e históricos. Assim como as próprias pedras, retiradas de um contexto a princípio "natural", estas imagens encontradas também foram destacadas de seu ambiente original, tendo seu sentido modificado-se através da edição do livro.

O processo de elaboração deste trabalho está atrelado a investigações realizadas anteriormente, no contexto de ações artísticas e fotografias ao redor do rio Caí, em Montenegro, e do estuário Guaíba, em Porto Alegre, ambos no Rio Grande do Sul. A figura do rio como infiltração e zona de contato tem sido um terreno de motivação constante, promovendo saídas de campo em que utilizo a fotografia e coleto material para possíveis trabalhos. Em uma destas caminhadas, iniciei uma coleção de cascalhos da beira do rio Caí.

Os cascalhos foram guardados como uma espécie de *souvenir* daquela paisagem e daquelas experiências momentâneas. São fragmentos do qual emerge uma paisagem não panorâmica, concentrada e sedimentada. Esta forma de tempo e natureza calcada na matéria me sugere uma visão também fragmentada da paisagem fluvial. Observando as pequenas rochas, indaguei-me se para um outro observador, que não eu, seria possível saber de onde elas seriam, se teriam características específicas de seu local de origem e se possuiriam traços de tempo de sua existência. Provavelmente para um geólogo, ou para um algum outro estudioso das ciências naturais sim, mas eu não sou um cientista. Esta coleção se insere dentro de ações presumivelmente artísticas. O que faz tradicionalmente um artista com a natureza?

Ele cria representações, paisagens, pinta, desenha, fotografa, esculpe.



Figura 2: Como desenhar pedras / Mariana Silva da Silva
2014, livro de artista, fotografias de acervo pessoal.

A frase “Como desenhar pedras” é neste sentido uma indicação de um aprendizado tipicamente artístico: desenhar. Faz parte da educação do artista aprender a desenhar, e este ensino muitas vezes ocorre através do desenho de observação da natureza. O livro *Como desenhar pedras* não é, entretanto, um manual convencional de desenho, ele é mais uma coleção de modelos, de concepções do que seriam representações de pedras. Ele apresenta uma visão fragmentada, de falsa neutralidade científica (catalogação das pedras) e prática (manual de desenhos).

Na arte contemporânea, tem sido recorrente uma aproximação com a linguagem científica de representação do mundo. A propósito de livros de artista que jogam com esta operação de coleção e catalogação, Amir Cadôr coloca que “a aproximação com a ciência também pode ser uma crítica ao modelo de objetividade. Uma forma de recusa à lógica e às tentativas de classificação da experiência artística é a incorporação de padrões aleatórios como critério para ordenar os elementos ou uma sequência de eventos”. (CADÔR: 2012, p. 70).

E ainda: “A ideia de enciclopédia como coleção é ainda mais verdadeira quando se trata de uma enciclopédia visual baseada em imagens existentes, produzidas por diversas pessoas, algumas anônimas, e recolhidas de um grande número de fontes”. (CADÔR: 2012, p. 83) Sendo assim, o que se pretende na reunião destas imagens de pedras é exatamente assinalar uma neutralidade recorrente de seu anonimato autoral.

A sequencialidade das representações cria uma edição em aberto, em que cada leitor do livro produzirá seu próprio sentido de leitura.

A economia formal na apresentação das imagens, o caráter claro e sintético são tomados aqui sem nenhuma utilidade em particular, nem conclusão possível. Este lugar hesitante entre descrição, coleção, natureza e arte é igualmente recorrente na obra do artista francês Paul-Armand Gette (1927). Gette realiza incursões e trajetos pela paisagem, que não se assemelham às caminhadas dos chamados artista das *Land Art* ou da *Earth Art*, entre outros movimentos artísticos visando a paisagem. Sua poética está mais centrada na escala do artista observador. Demonstra interesse especial pela botânica, pelo clima e pelas coleções de elementos naturais, que passam pela catalogação e organização minuciosa a partir de regras próprias.

Segundo Colette Garraud (1994) em ensaio sobre o artista, em um primeiro momento poderíamos dizer que Gette consagra grande parte de sua obra à natureza. Entretanto, se analisarmos mais profundamente, percebemos que, na realidade, o artista desconfia da natureza como uma noção romântica idealizada, desconfia do belo natural: para ele o belo natural não existe, ele está sempre em relação ao não natural. O que o motiva é o conhecimento científico da natureza, a natureza apreendida em uma dimensão cultural.

De acordo com palavras do próprio artista: “A grande elegância da ciência em relação à arte é inventar métodos, sistemas e de colocá-los imediatamente disponíveis para todos, mesmo que sejam somente hipóteses de trabalho ou teorias que se provam mais ao uso poético do que científico.” (OBRIST: 2012, p.85)[2] O artista, no entanto, não pretende encontrar uma nova verdade científica, ele emprega uma reclassificação de elementos a partir de escolhas subjetivas que nos levam a reavaliar nosso entendimento usual do ambiente natural e cultural.

[2] No original: “(...) la grande élégance de la science par rapport à l’art est d’inventer des méthodes, des systèmes et de les mettre tout de suite à la disposition de chacun, même si ce ne sont que des hypothèses de travail ou des théories qui s’avèrent à l’usage plus poétiques que scientifiques”. Tradução da autora.



Figura 3: Secondary Successions/Successions secondaires / Paul Armand Gette 1972-73, série de 18 painéis, mapas, listas, gráficos, fotografias e plantas secas. Coleção Centre Georges Pompidou.[3]

Secondary Successions / Successions secondaires faz parte deste interesse pela botânica, seu título refere-se a um termo científico para uma nova população de plantas espontâneas surgidas em um ecossistema que já teve vida, mas sucumbiu a alguma perturbação ecológica anterior. Dezoito painéis apresentam os resultados relacionados a coletas de vegetais pela cidade: gráficos, mapas, listas de plantas, fotografias e plantas secas. As observações foram realizadas em Paris, na margem direita do rio Sena (em 1972) e em Londres (em 1973) ao longo do Tamisa, resultando em duas exposições. A pesquisa empreendida ultrapassa a contemplação da natureza, fazendo um reflexão também sobre a linguagem - a utilização dos nomes latinos das plantas mais ordinárias que vivem à margem dos rios urbanos lhes fornece um apreço digno dos mais exóticos espécimes de regiões longínquas.

Gette é de certa forma um cientista-artista do banal natural. Os fragmentos de natureza que nascem nas margens da cidade já são eles natureza, não o são? A natureza exatamente não está lá fora, longe, afastada. A relação com a natureza, por sua vez, expressa-se a através da linguagem, de signos construídos pelo homem e a partir de então, ela deixa por si só de ser natureza e torna-se outra coisa. É neste

[3] Disponível em: https://www.centrepompidou.fr/cpv/ressource.actionparam.id=FR_Ra1567bfebe74a49d03d3b19e724e77d&param.idSource=FR_O-455aead51464c4826f0532a9b5aacd (Acessado em 11/01/2015)

sentido que o livro de artista *Como desenhar pedras* pretende ele também este lugar da margem entre natureza e cultura, em que a própria pedra é um fragmento de paisagem, um fragmento de catalogações, de listas, um fragmento de arte.

Michael Jakob em seu livro *Le paysage* (2009) fala-nos que é "somente a partir da cidade que a consciência e o desejo da natureza tomam partida e conduzem à constituição da paisagem" (JAKOB: 2009, p. 44)[4]. Tentar recuperar a natureza e as relações estabelecidas com ela, para o autor, é dar-se conta de que não pertencemos mais à natureza, não dominamos mais os valores da terra, não possuímos mais seus conhecimentos práticos e seus usos. Esta busca pela volta à natureza é então intelectual e a reapropriação da relação com a natureza seria da ordem da estética, é a experiência estética que seria capaz de estabelecer este reencontro, ainda que simbólico, e o acontecimento com o natural.

Citando Jakob:

> Estar na natureza, perscrutar seus detalhes mais ínfimos, reforça ainda mais a convicção do não-pertencimento e a diferença fundamental que separa o homem da natureza. Só através e na imagem que a relação se estabelece, relação que toma em um primeiro momento a forma de *imagem-paisagem.* Isso, entretanto, não funciona de maneira nenhuma como uma fusão entre sujeito e natureza; pelo contrário, ela se limita a gerar uma ideia da natureza com a qual o sujeito pode, na ocasião, fundir-se esteticamente. (JAKOB: 2009, p. 51)[5].

Como desenhar pedras constitui-se de *imagens-fragmentos-de-paisagens*, em que totalidade, função e autoria dos cenários dos quais provém as imagens restam desconhecidos. A natureza total, *ad infinitum,* permanece fora do quadro. A conjunção "como", por sua vez, indica um regramento que objetiva dominar esta natureza, aqui presentificada pelo elemento mineral, entretanto nenhuma regra eficaz é seguida, e as imagens se sucedem aleatoriamente. Se o título é categórico, o conteúdo é impreciso. Acreditamos que o livro analisado ainda deve crescer e somar mais

[4] Ce n'est qu'à partir de la ville, du lieu ayant perdu le contact symbiotique avec son environnement, que la conscience et le désir de nature prennent leur départ et mènent à la constitution du paysage. Tradução da autora.

[5] Se trouver dans la nature, la scruter dans ses détails les plus infimes, renforce encore la conviction de la non-appartenance et de la différence fondamentale séparant l'homme de la nature. Ce n'est que par et dans l'image que la relation se fait, relation qui prend dans un premier temps la forme de l'*image-paysage*. Celle-ci ne fonctionne toutefois pas du tout comme fusion entre sujet et nature; elle se limite plutôt à livrer une idée de la nature avec laquelle le sujet pourra, à l'occasion, fusionner esthétiquement. Tradução da autora.

imagens, fazendo um inventário maior e talvez assumindo novos formatos. Da mesma forma, questões poderão ser aprofundadas na investigação, noções aqui relacionadas entre si, como coleção, natureza e linguagem.

Referências

CADÔR, Amir Brito. **Enciclopedismo em Livros de Artista**: um manual de construção da Enciclopédia Visual. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

GARRAUD, Colette. **L'idée de nature dans l'art contemporain**. Paris: Flammarion, 1994.

JAKOB, Michael. **Le paysage**. Genève: Infolio, 2009.

OBRIST, Hans Ulrich. **Conversation ave Paul-Armand Gette**. Paris: Manuella éditions, 2012.